



MUST UNIVERSITY

MASTER OF SCIENCE IN EMERGENT TECHNOLOGIES IN EDUCATION

DOMINGOS APARECIDO DOS REIS

**A AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO  
PROCESSO AVALIATIVO POR INTERMÉDIO DA  
WEBQUEST**

FLORIDA – USA

2023

**MUST UNIVERSITY**

1960 NE 5th Ave, Boca Raton, FL 33431, EUA  
Call today: US (561) 465-3277 | [info@mustedu.co](mailto:info@mustedu.co)



DOMINGOS APARECIDO DOS REIS

**A AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO  
PROCESSO AVALIATIVO POR INTERMÉDIO DA  
WEBQUEST**

Trabalho de Conclusão Final apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de MESTRE no Curso de MASTER OF  
SCIENCE IN EMERGENT  
TECHNOLOGIES IN EDUCATION da  
MUST UNIVERSITY – Florida USA.

Orientador (a): Prof. (a) Dra. Maria Elisa Ehrhardt  
Carbonari

FLORIDA – USA

2023

**MUST UNIVERSITY**

1960 NE 5th Ave, Boca Raton, FL 33431, EUA  
Call today: US (561) 465-3277 | info@mustedu.co

## **Lista de Figuras**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Apresentação / Introdução.....   | 21 |
| Figura 2: Tarefa.....  | 22 |
| Figura 3: Processo.....  | 23 |
| Figura 4: Recursos (1).....  | 23 |
| Figura 5: Recursos (2).....  | 24 |
| Figura 6: Recursos (3).....  | 24 |
| Figura 7: Recursos (4).....  | 25 |
| Figura 8: Avaliação.....   | 25 |
| Figura 9: Conclusão.....   | 26 |
| Figura 10: Créditos.....   | 26 |
| Quadro 1: Sequência das Rubricas.....  | 32 |
| Figura 11: PLEA.....   | 36 |
| Figura 12: Modelo de reciprocidade triádica da causalidade do comportamento..... | 37 |

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC - Base Comum Curricular

MEC – Ministério da Educação

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

TDICs – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

TSC – Teoria Social Cognitiva

WQ – WebQuest

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições da *WebQuest* no processo da autorregulação da aprendizagem presente nos espaços escolares, contribuindo tanto para uma aprendizagem significativa quanto para o protagonismo dos estudantes. A metodologia utilizada pautou-se numa Pesquisa Bibliográfica, realizada a partir de livros, periódicos, dissertações e teses de diferentes autores. Nossa pesquisa está subdividida em três partes. Na primeira, contextualizamos a *WebQuest* e a autorregulação da aprendizagem à partir da perspectiva do psicólogo Albert Bandura. Segunda, tratamos da utilização da metodologia *WebQuest* no âmbito escolar e bem como do papel do professor mediador neste contexto. Na última, refletimos sobre a autorregulação da aprendizagem e suas contribuições como agente ativo e consciente da aprendizagem. Ao longo da explanação apresentamos não só os avanços tecnológicos mas também a Teoria Social Cognitiva (TSC) – ambos auxiliam das práticas pedagógicas em sala de aula, por intermédio das interações aluno-professor e professor-aluno. Essas interações têm com intuito de construir em sala de aula, os vários saberes com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Estas levam os discentes a um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente, dinâmico e interativo, forma de contribuir para com uma construção crítica e reflexiva de uma aprendizagem significativa. Os resultados da presente pesquisa apontaram um grau elevado de autoeficácia no desenvolvimento de artigos de divulgação científica, redigidos pelos próprios alunos, baseados na TSC e pautados nas TDICs.

**Palavras-chave:** Autorregulação. Autoeficácia. Tecnologias Emergentes. TDICs. *WebQuest*.

## **ABSTRACT**

The present research aims to analyze the contributions of the WebQuest in the process of self-regulation of learning present in school spaces, contributing both to a meaningful learning and to the protagonism of students. The methodology used was based on a Bibliographical Research, carried out from books, periodicals, dissertations and thesis by different authors. Our research is divided into three parts. First, we contextualize the WebQuest and the self-regulation of learning from the perspective of the psychologist Albert Bandura. Second, we deal with the use of the WebQuest methodology in the school environment and the role of the mediating teacher in this context. In the last part, we reflect on self-regulated learning and its contributions as an active and conscious agent of learning. Throughout the explanation we present not only the technological advances but also the Social Cognitive Theory (SCT) - both help in the pedagogical practices in the classroom, through student-teacher and teacher-student interactions. These interactions are intended to build in the classroom, the various knowledge with the use of Digital Information and Communication Technologies (ICTs). These take the students to a more efficient, dynamic, and interactive teaching-learning process, a way to contribute to a critical and reflective construction of a meaningful learning. The results of this research indicated a high degree of self-efficacy in the development of articles of scientific dissemination, written by the students themselves, based on the SCT and guided by the ICTs.

**Keywords:** Self-regulation. Self-efficacy. Emerging Technologies. TDICs. *WebQuest*.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                           | <b>8</b>  |
| <b>2. METODOLOGIA.....</b>                           | <b>12</b> |
| <b>3. A TEORIA SOCIAL COGNITIVA (TSC) .....</b>      | <b>14</b> |
| <b>4. TECNOLOGIAS EMERGENTES NA EDUCAÇÃO .....</b>   | <b>18</b> |
| 4.1 Webquest no Âmbito Escolar .....                 | 20        |
| 4.2 O Papel do Professor .....                       | 27        |
| 4.3 O Processo Avaliativo por meio da Webquest ..... | 29        |
| <b>5. AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....</b>        | <b>35</b> |
| 5.1 Reciprocidade Triádica.....                      | 37        |
| 5.2 Agência Humana .....                             | 38        |
| 5.3 Autoeficácia.....                                | 40        |
| <b>6. ANÁLISE E DISCUSSÕES.....</b>                  | <b>42</b> |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                  | <b>44</b> |
| <b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>           | <b>48</b> |
| <b>9. ANEXO (1) .....</b>                            | <b>52</b> |
| <b>10. ANEXO (2) .....</b>                           | <b>60</b> |

## 1. Introdução

Iniciamos o nosso trabalho com uma breve introdução do percurso que percorremos aqui; uma sucinta apresentação tanto da metodologia escolhida por nós como dos capítulos que compõem este estudo, bem como das considerações finais.

Na Introdução, discutiremos aspectos contextuais sobre o tema e apontaremos algumas transformações referentes às TDICs no universo educativo, bem como os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada e a estruturação da dissertação, cujo fulcro versará sobre a *WebQuest* no processo de ensino- aprendizagem.

No tópico Metodologia, apresentaremos conceitos e definições dos autores: Alvarenga (2019), Fonseca (2002), Gil (2019), Marcos & Lakatos (2020) e Severino (2017), contemplando assim uma revisão bibliográfica.

O primeiro capítulo, intitulado Teoria Social Cognitiva (TSC), basear-se-á na perspectiva do psicólogo Albert Bandura (1986, 2008a), aliada ao desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Posteriormente, com base nas revisões da literatura, serão fundamentadas as teorias de Bacich (2020), Dodge (1995), Libanêo (2013), Kenski (2015) e Rocha (2007), que trazem novas perspectivas na forma de ensinar.

O segundo capítulo abordará as Tecnologias Emergentes na Educação, focalizando o papel das TICs e TDICs no cotidiano da Educação contemporânea e os principais conceitos da *WebQuest*: desde a perspectiva de seu criador Dodge(1995), até a da Tecnodocência (Lima & Loureiro, 2019), Oliveira *et al.* (2015), Bacich e Moran (2015), Vieira (2011) e Imbérion (2010). O capítulo também trata da *WebQuest* no âmbito escolar, do papel do professor e do processo avaliativo.

Num terceiro momento, discutiremos a Autorregulação da Aprendizagem, considerada por Bandura (2008a, 2008b), que compreende a reciprocidade triádica, a agência humana e a



autoeficácia, analisando-se ainda as atividades de *WebQuest*, desenvolvidas pelos estudantes.

A seguir apresentaremos as Análise e as Discussões, tendo como propósito responder às questões que deram origem ao estudo, apontado as limitações, bem como as sugestões para estudos futuros.

Por último, nas Considerações Finais, apresentaremos os principais argumentos já tratados anteriormente, reforçando a análise dos objetivos e a importância da pesquisa.

De acordo com Moran (2022), as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) vêm transformando a forma como nos comunicamos e aprendemos. Isto porque, com elas, podemos ter acesso ao conhecimento quando e onde quisermos por meios de aparelhos eletrônicos como celulares, *smartphones* entre outros. As TDICs também foram integradas no sistema educacional, tornando a educação ainda mais acessível com o compartilhamento de informações e conhecimentos. O uso da tecnologia, na sala de aula, fornece inúmeras formas de ensino e aprendizagem, podendo contribuir para o conhecimento tanto na forma individual quanto na forma colaborativa.

O mundo está cada vez mais tecnológico. Esta é uma afirmação que encontramos constantemente em diferentes canais de comunicação. E podemos encontrá-la, sobretudo, nos discursos dos profissionais da educação – tanto daqueles que se apropriam desse contexto quanto dos que ainda precisarão encontrar estratégias para se adaptar a ele.

As mudanças na Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs), segundo Moran (2013), acabam por gerar, também, mudanças nos próprios sistemas educacionais, desde a forma como apresentamos os conceitos aos alunos ou desenvolvemos-os até mesmo o modo como realizamos o planejamento de nossa aula.

A Geração mais recente é denominada Alpha. Dela fazem parte as crianças nascidas a partir de 2010, que já nascem dominando as tecnologias, e, por vezes, seu processo de aprendizagem acontece de diversas formas e por diferentes recursos. As estratégias de e-

*learning* e a gama de possibilidades destas, devido ao avanço das tecnologias de comunicação e informação, permitem a apropriação de conceitos, antes ignorados no contexto educacional, como o de aprendizagem colaborativa e em rede, por exemplo.

Compreender o modo pelo qual as pessoas aprendem sempre foi importante, contudo, estamos em um contexto cada vez mais diversificado, em que as ferramentas utilizadas pelos professores já não são a lousa e o giz. Assim, torna-se necessário questionar o modo como ensinamos.

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre as tecnologias integradas na sala de aula com o uso da *WebQuest*, forma de proporcionar ao aluno autonomia na construção do seu conhecimento bem como permitir-lhe ser protagonista da sua aprendizagem. O trabalho também refletirá sobre o que são as tecnologias, para que servem e porque elas são tão importantes.

As TDICs são ferramentas, cujo objetivo é auxiliar o professor em sua prática pedagógica, empoderam ainda mais a educação. Contudo, mesmo sabendo que as tecnologias auxiliam os professores em sala de aula, grande parte deles ainda não estão preparados para fazer uso delas.

De acordo com Thome (2021), o ensino do século XXI constitui-se em um novo paradigma, onde os elementos tecnológicos e o saber estão associados e impactam diretamente na maneira de agir, pensar e aprender dos educandos. Diante disso, o educador não pode ignorar tais recursos tecnológicos em sua prática, mas deve incorporá-los. Assim, os educandos poderão perceber que o seu conhecimento prévio em relação a todo esse universo também está presente nos saberes da sala de aula. Esta tomada de consciência vai levá-los não só a reconhecer ser a aprendizagem significativa para eles mas também a perceber ser a inovação, a qual estão habituados, uma forte aliada no seu aprendizado.

O papel do docente é de mediador no uso adequado dessas tecnologias, ou seja, incentivar os alunos de forma positiva pelos seus esforços e dedicação nas tarefas solicitadas, por meio de elogios, *feedbacks* pelo seu desempenho, responsabilidade e pontualidade, estreitando essa relação aluno-professor e professor-aluno.

Diante desse contexto, os docentes estão incorporando em seus planejamentos uma aprendizagem mais lúdica, diferenciada, intuitiva com a realidade dos discentes; ampliando as possibilidades de ensino dentro e fora da sala de aula em ambientes virtuais e em aplicativos que auxiliam no desenvolvimento cognitivo dos educandos.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), define as 10 competências gerais da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) necessárias para a construção de conhecimento, habilidades e formação de valores que os alunos deverão assimilar ao longo dos estudos. No entanto, destaca-se a competência geral 5 (cinco) que se refere à cultura digital presente no dia a dia; pois, por meio de um ‘clique’, fornece inúmeras interações e socializações de conhecimentos graças a diferentes plataformas de aprendizagens, *chats, fóruns, e-mails*, entre outros, que suscitam a necessidade de domínio para criação e compreensão. Para tanto a normativa destaca a necessidade de se:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p.9).

Nesse sentido, esse trabalho apresentará uma reflexão a respeito das diversas metodologias aliadas às tecnologias, dentre elas, a *WebQuest* (WQ), que dá a possibilidade de

promover um roteiro, um meio, método ou forma para o aprendizado, graças à utilização de recursos da *Web*. Diante disso, a problematização dessa pesquisa bibliográfica de caráter exploratória será responder quais são as contribuições da *Webquest* no processo de autorregulação da aprendizagem: autoeficácia a partir da perspectiva de Albert Bandura.

O objetivo norteador da pesquisa será analisar as construções da *WebQuest* no processo da autorregulação da aprendizagem. Dessa forma, os objetivos específicos são: descrever o processo de ensino-aprendizagem da *Webquest* no âmbito escolar; identificar, descrever e analisar a percepção da autoeficácia para autorregulação da aprendizagem na *WebQuest*; e, identificar, descrever e analisar a percepção da autorregulação na aprendizagem com base nos autores da revisão bibliográfica.

## **2. Metodologia**

Nosso trabalho se propõe como um estudo investigativo que se utiliza da metodologia bibliográfica de cunho exploratório a fim de respondermos quais as contribuições da *WebQuest* no processo de autorregulação da aprendizagem, tomando como parâmetro os estudos do psicólogo Albert Bandura. Para isso, vamos nos utilizar da interpretação qualitativa com o intuito de analisarmos conceitos abordados.

Nesse sentido, os métodos científicos aplicados ajudarão a esclarecer os processos lógicos em uma investigação científica. Conforme abordado por Gil (2019, p. 10), trata-se de: “... métodos desenvolvidos a partir de elevado grau de abstração, que possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações.

Nessa mesma perspectiva, Alvarenga destaca que,

Constituem de procedimentos sistemáticos e lógicos que guiam a investigação, como o propósito de adquirir informações confiáveis e válidas, para conseguir novos conhecimentos, ou buscar formas de melhorar as condições de vida de uma comunidade ou de pessoas, e abrange o ciclo completo da investigação (Alvarenga, 2019, p.5).

Nessa lógica, a pesquisa está pautada na ética, e, segundo Gil (2019), os pesquisadores deverão evitar qualquer tipo de danos aos participantes da pesquisa, desenvolver um ambiente de confiança a fim de evitar falsificação nos resultados, levando assim ao conhecimento mútuo.

O uso da *WebQuest* no âmbito escolar, com intuito de desenvolver o cognitivo e o senso crítico dos discentes. Segundo Marconi & Lakatos (2020, p.200), a “...pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

A escolha das técnicas visou ao desenvolvimento de um trabalho eficaz que respondesse à problemática investigativa, com intuito de redigir os dados analisados e interpretados. Nesse sentido e conforme destacado por Marconi e Lakatos:

A elaboração ou organização dos instrumentos necessita de tempo, mas é a etapa importante no planejamento da pesquisa. Em geral, as obras sobre pesquisa científica oferecem esboços práticos que servem de [...] além de dar indicações sobre o tempo e o material necessários à realização de uma pesquisa (Marconi & Lakatos, 2020, p. 178).

Para o pesquisador é de extrema importância o levantamento ou revisão de obras publicadas em livros, periódicos de revistas científicas, dissertação de mestrado e tese de doutorado, com intuito de analisar o material científico para apoiar no desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, conforme afirmado por Severino, para a realização de trabalhos realizados:

[..] a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2017, p.93).

A pesquisa bibliográfica o autor deve dedicar-se à leitura e ao estudo das obras em estudo, seletivo e crítico, seleção, categorização e resolução de problemas para investigar ou testar hipóteses.

### **3. A Teoria Social Cognitiva (TSC)**

A Teoria Social Cognitiva (TSC), de Albert Bandura (1986, 2008a), oferece uma importante contribuição à psicologia contemporânea que alcança, igualmente, diferentes áreas do conhecimento humano, como a área da Educação – foco desta pesquisa científica.

Na TSC, o sujeito é o agente do seu processo de aprender para, dessa forma, autorregular-se e criar estratégias a fim de atingir seus objetivos, definidos pela crença do indivíduo na sua próprias capacidade de execução de tarefas específicas, o meio de alcançar suas metas, ou seja, a autoeficácia.

Nesta perspectiva, os indivíduos aprendem pela observação, imitação ou modelagem, que influenciam seu comportamento e o ambiente, de acordo com Bandura (2008) “segundo essa visão, as pessoas são auto-organizadas, proativas, auto-reguladas e auto-reflexivas, contribuindo para as circunstâncias de suas vidas, não sendo apenas produtos dessas condições”. (Bandura, 2008a, p.15). Assim, Bandura descreve os agentes auto-regulares justificando que o fato de adotarem:

[..] padrões pessoais, monitorando e regulando seus atos por meio de influências auto-reativas. Fazem coisas que lhes trazem satisfação e um sentido de amor próprio, abstendo-se de atos que levem à autocensura. As pessoas não são apenas agentes da ação. Elas são auto-investigadoras do próprio funcionamento. Por intermédio da autoconsciência funcional, refletem sobre sua eficácia pessoal, a integridade de seus pensamentos e atos, o significado de suas buscas, fazendo ajustes quando necessários (Bandura, 2008a, p.15-16).

Na década de 1970, a teoria da aprendizagem social ou modelagem popularizou-se pelo contexto das interações sociais que possibilitaram o desenvolvimento das competências como falar, escrever, ler, etc. Nesta óptica, o estudante adquire o conhecimento observando ou imitando e diante da interpretação pessoal desses comportamentos que o cerca, a teoria tem quatro pilares fundamentais, conforme proposto por Bandura (1986):

- Atenção: para se aprender é preciso ter atenção; se houver atenção, haverá aprendizagem e quanto mais o modelo observado for semelhante ao observador,

mais se tornará atrativo;

- Retenção: armazenar o modelo mentalmente para depois reproduzir sobre seu próprio comportamento;
- Reprodução: consiste na reprodução dos modelos observados em seu comportamento e, diante disso, ter condições para repeti-lo;
- Motivação / Interesse: aprendizagem é diferente de comportamento, ou seja, para determinado comportamento ou aprendizagem os estudantes devem estar motivados para alcançar os objetivos.

A WQ, nesse contexto, segundo Bacich (2020), é uma metodologia que usa recursos *online* elaborados no desenvolvimento de projeto de pesquisa. Este pode ser proposto pelo professor em sua disciplina ou ainda em conjunto com os demais colegas, num projeto interdisciplinar, cujo objetivo é resolver uma tarefa desafiadora que estimule os estudantes a resolvê-la.

O ensino de forma tradicional nas escolas já não é eficaz pelo simples fato de o professor ser o detentor do conhecimento. Dessa forma, as TDICs, no século XXI, possibilitam aos estudantes desenvolverem tanto a sua autonomia quanto o seu protagonismo nos inúmeros desafios da sociedade contemporânea e competitiva, rompendo com a pedagogia tradicional. Pois, na pedagogia tradicional:

[..] Supõe-se que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos os alunos “gravam” a matéria para depois reproduzi-la, seja através das interrogações do professor, seja através das provas. Para isso é importante que o aluno “preste atenção”, porque ouvindo facilita o registro do que se transmite, na memória. O aluno é, assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la (Libanêo, 2013, p. 64).



Nos dias atuais, querer manter a escola nos padrões tradicionais, sem a inclusão das tecnologias, é levar a instituição escolar ao fracasso. Os estudantes, desde muito cedo, já começam a se envolver com o uso dos recursos tecnológicos antes de chegar à escola; diante disso, as tecnologias trouxeram acesso a inúmeras formas de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Segundo Kenski (2015, p.19), “A tecnologia é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhe destinamos em cada época”.

A metodologia WQ no âmbito escolar, possibilita o desenvolvimento da autonomia dos estudantes no uso das tecnologias em uma aprendizagem mais dinâmica, interativa e significativa, o que consiste em uma investigação detalhada e desafiadora. O intuito de fazê-los se organizar, levam-nos a ter um compromisso especial tanto com o resultado como com a construção do próprio conhecimento, o que torna cada indivíduo mais responsável.

Uma *WebQuest* constitui-se de uma página na *Web*, desenvolvida pelo professor, que apresenta aos alunos uma determinada tarefa a ser cumprida com base no conteúdo trabalhado em sala de aula. O principal objetivo é aproximar o assunto da realidade do aluno, onde a pesquisa é orientada com base em *websites* previamente selecionados pelo professor (mas não somente neles) e desenvolvida com base em roteiros elaborados pelo professor tendo como intenção conduzir o aluno ao processo de construção do conhecimento (Rocha, 2007, p. 60).

Nas palavras de Dodge (1995) o modelo da *WebQuest* se divide em dois níveis distintos: curta e longa. A curta é usada para ser aplicada entre uma a três aulas, levando o estudante a um conhecimento superficial sobre um assunto; já na longa o conhecimento é mais aprofundado, detalhado e explorado a partir do tema proposto e pode levar de uma semana a um mês de aula para ser finalizada.

Diante dessa contextualização, a pesquisa irá utilizar o recurso tecnológico *WebQuest* como proposta avaliativa no âmbito escolar para corroborar os avanços no processo de ensino-

aprendizagem dos discentes; ao desenvolver suas habilidades de senso crítico, incentiva-os no sentido do aprendizado colaborativo. Com isso, o aluno assimila novas estratégias cognitivas para gerenciar seus estudos e resultados estimulados pela tarefa, em conjunto com a autorregulação proposta pelo psicólogo Albert Bandura (1986), melhorando a autoeficácia para a formação do aprendiz autônomo.

#### **4. Tecnologias Emergentes na Educação**

Em 2020, o advento da pandemia da Covid-19 acelerou em 30 anos o processo de implementação das TDICs na Educação Básica com intuito de não prejudicar o ensino. Entretanto, muitos professores e alunos tiveram muitas dificuldades para utilizar certas tecnologias nesse cenário de ensino remoto emergencial; por outro lado os alunos ficaram desmotivados pela nova realidade de aprendizagem.

A tecnologia, ultimamente, tem impactado todos os aspectos de nossas vidas, causando mudanças em toda a sociedade no modo de comunicação e na forma de aprender. A escola hoje é um ambiente bem diferente de anos atrás, onde não se imaginava a possibilidade de podermos conviver com tais recursos dentro das salas de aulas.

Os elementos que vemos hoje estão entrelaçados, formando uma verdadeira cultura digital, a qual tem modificado todas as formas de ver o mundo e de promover o conhecimento. Neste contexto, surge a necessidade da implementação do perfil ‘Tecnodocente’, cujo propósito é trabalhar no contexto escolar com a integração e a relação das TDICs que tem por objetivo de melhorar o ensino e a avaliação dos discentes, de forma reflexiva e crítica; isto possibilita uma aprendizagem significativa em seu processo de ensino-aprendizagem.

A palavra ‘Tecnodocência’ - considerada um termo novo, consolidado em 2015 - veio não só para ampliar o uso das TICs na docência e nas metodologias inovadoras das práticas

docentes de ensino e avaliação - apresentando uma ressignificação do ser professor no século XXI, mas também a fim de facilitar a aprendizagem discente.

Tecnodocência será tratada neste momento como sendo a Integração entre TICs e Docência com base epistemológica nos modelos interdisciplinares e transdisciplinares, por meio da utilização dos conhecimentos prévios dos docentes e discentes para o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre os processos de ensino, aprendizagem e avaliação (Lima & Loureiro, 2019, p.141).

Oliveira *et al.* (2015), esclarecem que, na sociedade atual, as ferramentas tecnológicas buscam superar o antigo modelo pedagógico; pois ao incorporar tais recursos, propiciam a mediação entre o educador, o educando e o conhecimento. Os recursos avançados influenciam tanto nas formas de ensinar/aprender quanto no modo de comunicar e, principalmente, de pensar dos alunos; portanto, cabe aos professores articular os conteúdos curriculares que precisam ser ensinados por meio desses recursos, de modo que não só sejam significativos mas também instiguem os educandos a aprender.

Para Bacich e Moran (2015), a escola de hoje deve levar em consideração que não se adquire conhecimento somente de forma convencional; este deve também ser baseado em competências cognitivas, pessoais e sociais, pois o ensino deve ser proativo e colaborativo.

Vieira (2011) salienta que a tecnologia já faz parte da vida de todos e a escola não deve ser imune a isso. Esta tem o compromisso de preparar os educandos para as transformações que ocorrem constantemente e assim o uso da tecnologia é fundamental para a promoção do conhecimento, não apenas de forma isolada, mas de forma intrínseca ao conteúdo que se dispõe a ensinar no âmbito das escolas.

Para que o uso das TIC signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora, muitas coisas terão que mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas outras tantas escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da própria sociedade (Imbérian, 2010, p.36).

Desse modo, no século XXI, para obter os avanços educativos no desenvolvimento do ensino-aprendizagem no âmbito escolar, é necessário rever o currículo e dar mais ênfase às potencialidades tecnológicas dos alunos, estimulando a criatividade de expressão deles, com intuito de se alcançar um raciocínio mais lógico e reflexivo.

#### **4.1 *WebQuest* no Âmbito Escolar**

Ao longo dos anos, a Sociedade mudou e continua mudando. É possível reconhecer as incontáveis inovações que surgiram na sociedade em todos os campos. Facilmente se percebe como tudo evoluiu e é inegável que as revoluções tecnológicas atuaram e ainda atuam como verdadeiro catalisador das mudanças sociais.

Em 1995, um professor de *San Diego State University*, chamado Bernie Dodge, desenvolveu uma nova forma de realizar pesquisa por intermédio da internet, que contribuiu no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, por meio de roteiros que possibilitaram a realizações das pesquisa na *web*, denominando tal perspectiva de *WebQuest*.

A utilização efetiva da Internet na educação exige padrões e resultados para o aprendizado do aluno. Sem expectativas de aprendizagem específicas para atividades baseadas na Internet, os alunos perderão a direção, o foco e ficarão sobrecarregados com a súbita quantidade de informações disponíveis para eles. Os resultados da aprendizagem definem os critérios pelos quais se avaliam o progresso do aluno e a

eficácia do professor na utilização da Internet como ferramenta (Mercado & Viana, 2004, p.14).

A metodologia *WebQuest* apresenta inúmeras possibilidades para a construção do saber e da aprendizagem, graças à utilização da internet; dentre elas está a participação ativa dos estudantes sob a orientação do professor. Dodge (1995, p.11); Abar & Barbosa (2008, p.37) e Bottentuit Junior (2017, p.4) definiram os componentes da *Webquest*: Introdução, Tarefa, Processo, Recursos, Avaliação, Conclusão e Créditos.

Devido a isso, foi desenvolvido um caso ilustrativo com a *WebQuest* ao longo do 1º semestre de 2022, com duas turmas - 1º ano A e 1º ano B - do Novo Ensino Médio da Escola Estadual Professor Luiz Gonzaga Pinto e Silva, localizada no bairro Jardim São Luiz, na zona sul da cidade de São Paulo, uma das escolas que disponibilizam o Programa de Ensino Integral (PEI) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. A proposta da atividade nas aulas de Língua Portuguesa é sobre a Variação Linguística e o Preconceito Linguístico. Abaixo, seguem detalhamentos das etapas:

Figura 1 . Apresentação / Introdução



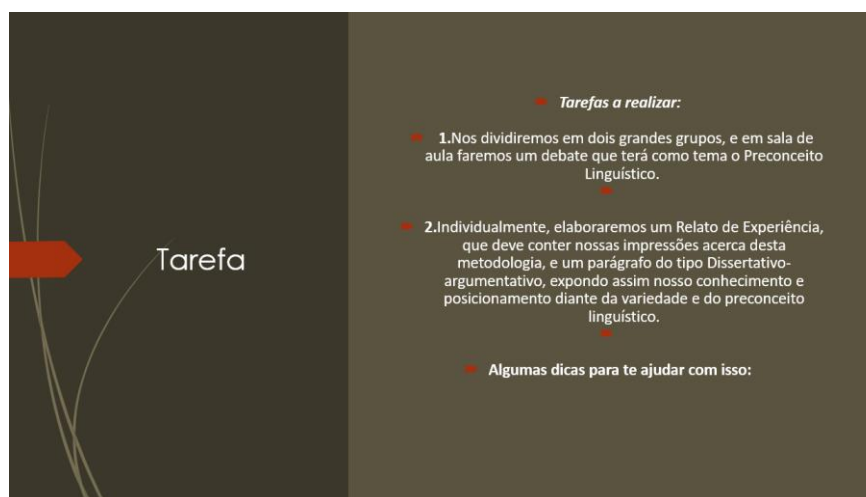
Fonte: Elaborada pelo autor

A **introdução** deve apresentar o assunto de forma sucinta, com intuito de ambientar o estudante. Dessa forma, como visto na Figura 1: O processo investigativo da pesquisa apresenta um breve relato, ou seja, simples, objetivo e direto.

Dado importante, a  **tarefa**  é o ‘coração’ da *WebQuest*, cuja ação de toda pesquisa norteará todas as questões ulteriores bem como a contextualização do que será proposto aos discentes, conforme representado pela figura 2. Para as tarefas terem “alma” precisam ser autênticas, criativas e elegantes, rompendo com os “pedagogismos e didatismos” que afetam a criatividade e a imaginação.

[...] O uso de obras com alma certamente enriquecerá a educação. [...] resultará numa educação sem compromisso com o saber compartilhado, o prazer de aprender, o envolvimento profundo com o objeto de estudos, a aventura de elaborar saberes que fazem sentido para a vida nossa de cada dia. (Barato, 2012. p. 115)

Figura 2. Tarefa



The slide is titled "Tarefa" and features a dark background with a red arrow pointing right. The content is organized into sections:

- Tarefas a realizar:**
  - 1. Nos dividiremos em dois grandes grupos, e em sala de aula faremos um debate que terá como tema o Preconceito Linguístico.
  - 2. Individualmente, elaboraremos um Relato de Experiência, que deve conter nossas impressões acerca desta metodologia, e um parágrafo do tipo Dissertativo-argumentativo, expondo assim nosso conhecimento e posicionamento diante da variedade e do preconceito linguístico.
- Algumas dicas para te ajudar com isso:**

Fonte: Elaborada pelo autor

O  **processo**  faz parte e o professor explica e orienta, de forma clara e detalhada, os

objetivos da tarefa a ser executada. Descrever o passo a passo auxilia os estudantes na autonomia do processo de aprendizagem, conforme explicita a figura 3.

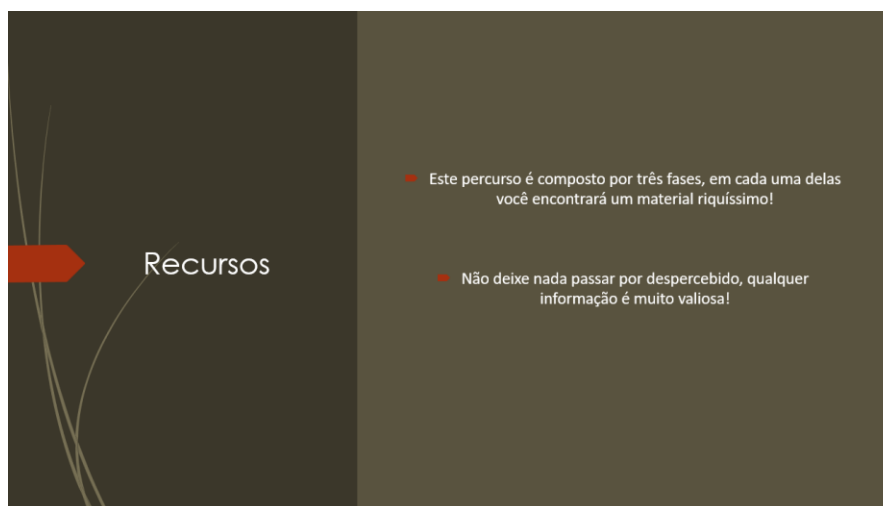
Figura 3. Processo



Fonte: Elaborada pelo autor

Os **recursos** são basicamente *sites*, *links* de vídeos, artigos científicos e outros materiais que permitirão concretizar a tarefa em questão, conforme as figuras 4, 5, 6 e 7:

Figura 4. Recursos (1)



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 5. Recursos (2)



1º Recurso:

- Para sabermos o que de fato são as variedades linguísticas, e como elas são identificadas, contaremos com a ajuda do seguinte texto:
- <https://www.normaculta.com.br/variacoes-linguisticas/>
- E sobre o preconceito linguístico, o que você já ouviu falar? Que tal fazer uma leitura prazerosa e rápida sobre isso também?!
- <https://ead.uri.br/blog/preconceito-linguistico>

Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 6. Recursos (3)



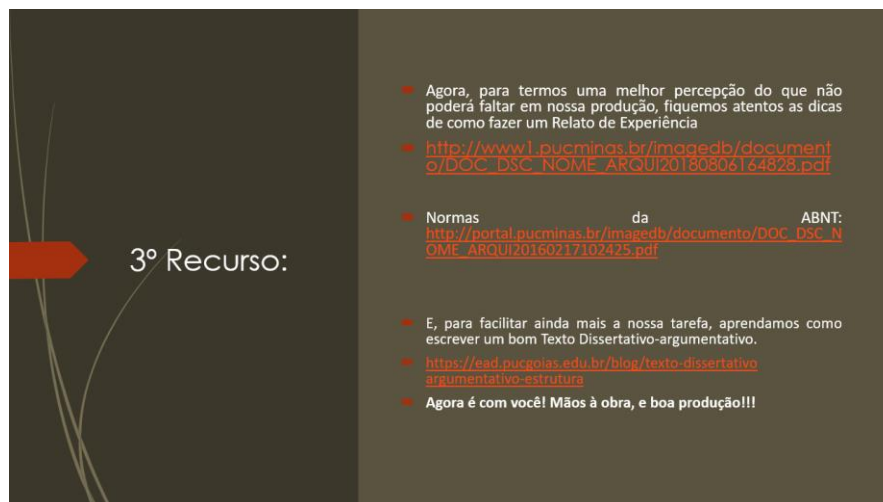
2º Recurso:

- Acredito que as últimas leituras foram bastante proveitosas, mas mudemos um pouco de gênero... Que tal assistir alguns vídeos para ilustrar e enriquecer a nossa pesquisa?!
- <https://www.youtube.com/watch?v=5fBOVygtNoU>
- <https://www.youtube.com/watch?v=8SwXexFADxw&t=2s>
- [https://www.youtube.com/watch?v=QEFOWn\\_2l-o](https://www.youtube.com/watch?v=QEFOWn_2l-o)
- Então, após essas visualizações riquíssimas em conhecimento, passemos para os próximos recursos...

Fonte: Elaborada pelo autor



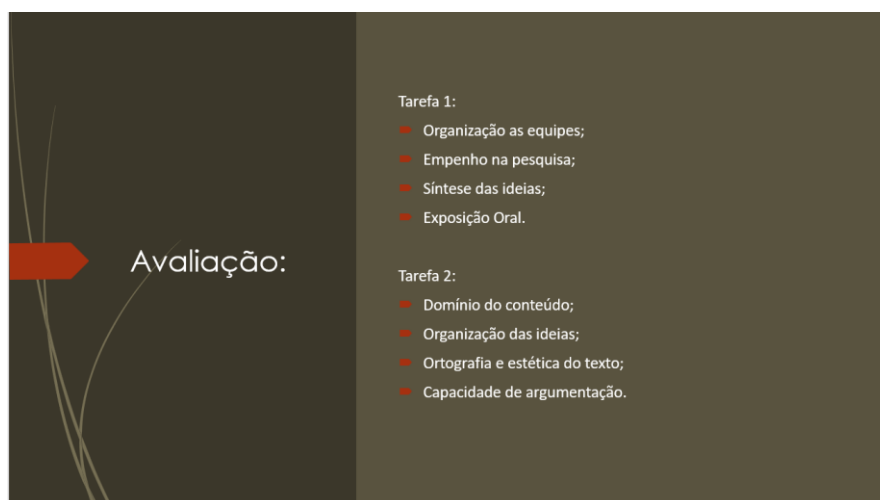
Figura 7. Recursos (4)



Fonte: Elaborada pelo autor

A **avaliação** descreve os critérios primordiais das rubricas que o professor elaborou com a finalidade de verificar se os objetivos estabelecidos foram atingidos pelos estudantes ao longo da elaboração da *WebQuest*, conforme mostra a figura 8:

Figura 8. Avaliação

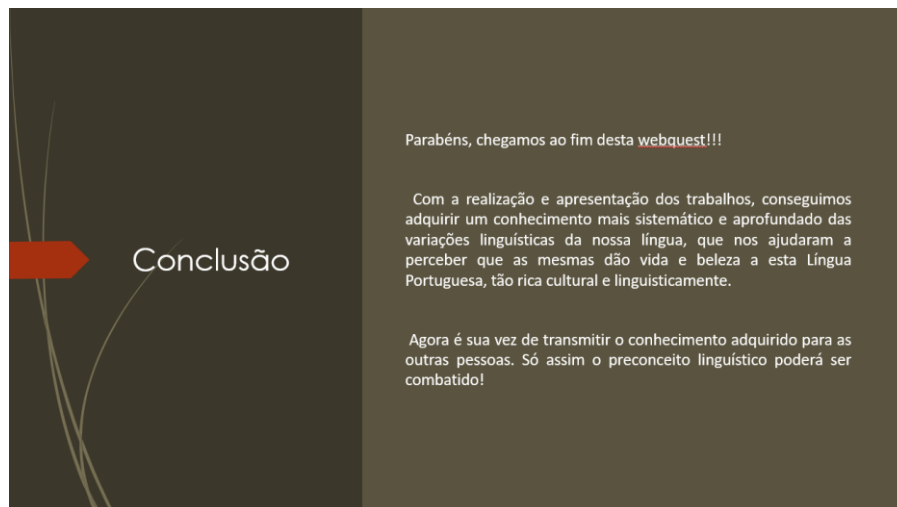


Fonte: Elaborada pelo autor

A **conclusão** é a parte que encerra a *WebQuest*. Ela indicará a aprendizagem dos alunos,

reafirmando os aspectos interessantes e motivadores presentes na introdução, tornando os estudantes mais reflexivos e críticos ao tema proposto, conforme esclarecido na figura 9:

Figura 9. Conclusão



Fonte: Elaborada pelo autor

Os **créditos** apontam os autores e/ou materias utilizados para preparação da *WebQuest*, conforme demonstrado na figura 10:

Figura 10. Créditos



Fonte: Elaborada pelo autor

Diante do contexto apresentado e seguindo este passo a passo, os estudantes tiveram

que desenvolver um texto de divulgação científica (*paper*), contendo de 6 a 8 laudas. Para isso, tiveram de redigir um texto dissertativo-argumentativo, em 3ª pessoa. Por meio dos materiais apresentados, coletaram informações riquíssimas para promover a aprendizagem cooperativa; desenvolver habilidades cognitivas, estimulando a criatividade deles para a construção do pensamento crítico e reflexivo.

#### **4.2 O Papel do Professor**

A inclusão das tecnologias no contexto da sala comum contribui para o aprendizado dos alunos. Incluí-las auxilia o professor a tornar a aula mais dinâmica, inovadora e atrativa aos educandos no desenvolvimento de suas habilidades e no pensamento criativo. Esta ação possibilita-lhes não só serem mais participativos mas também aprenderem de forma coletiva a partir da socialização, graças às atividades interativas.

Para Oliveira *et al.* (2015), as novas tecnologias proporcionam uma epistemologia a partir das interações com um mundo plural, onde não existem limites para o conhecimento. As tecnologias agem de forma propulsora no aprendizado. Quando bem empregadas, intensificam as práticas pedagógicas dentro e fora do contexto da sala de aula.

O uso de tecnologias tanto em sala de aula quanto na formação de professores era pouco difundido antes do período pandêmico, devido a um olhar negativo no contexto escolar. Percebeu-se, entretanto, a necessidade de sua utilização, desde que pautada num planejamento adequado, com objetivos bem definidos. Nesse contexto, o professor deixa de ser o detentor do saber e assume-se mediador no processo de ensino-aprendizagem. Conforme afirma Manfredini (2014, p.50), “ao utilizar essa nova ferramenta didática, o professor pode acelerar os trabalhos e melhorar muito a apresentação de conteúdo, tornando sua aula muito mais atrativa.”

O Tecnodocente no contexto da sala de aula, ao fazer uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), desenvolve, por meio de projetos inter/transdisciplinares, mudanças na prática pedagógica com a finalidade de quebrar resistências às antigas metodologias, transformando novos conhecimentos em habilidades no uso das TDICs em seu componente curricular.

Por sua vez, na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, são novamente definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado, o poder do professor e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos (Kenski, 2012, p.19).

Nesse sentido, os docentes são os mediadores entre as tecnologias e os discentes com o objetivo de desenvolver a autonomia deles em diferentes linguagens. Isso garantirá uma integração com novos saberes e novas habilidades. Esta integração possibilitará um “modelo epistemológico de construção do conhecimento pautado na perspectiva da integração e da superação da fragmentação dos saberes vinculados aos conceitos de interdisciplinaridade, de transdisciplinaridade ou de multirreferenciabilidade” (Lima & Loureiro, 2019, p.114).

As tecnologias digitais móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa e integrada, com momentos presenciais e outros com atividades à distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando juntos virtualmente (Moran, 2013, p.30).

A mediação pedagógica dos docentes, ao fazerem uso das TDICs, no contexto escolar, despertam a confiança dos discentes, que desenvolvem, assim, sua autonomia nas atividades o que os leva a atingir os objetivos propostos. Com isso, os próprios alunos assumem

responsabilidade em seu processo de aprendizagem. “O desenvolvimento da mediação pedagógica se inicia no trabalho com o aluno, para que assuma um papel de aprendiz ativo e participante (não mais passivo e repetidor), de sujeito de ações que levem a aprender e a mudar seu comportamento” (Masetto, 2013, p.150).

Desse modo, a Tecnodocência, aliada às TDICs, modifica a aprendizagem, ao recorrer à combinação de várias mídias - forma de contribuir na construção do conhecimento rica e prazerosamente - como por exemplo, com o auxílio de diferentes atividades, interações por meio de várias plataformas de aprendizagens, *podcasts*, *google* formulário, mapas mentais e conceituais, lousas digitais, *Khan Academy*, *Moodle*, entre outras, com suas respectivas propostas pedagógicas. Assim, a fala de Kenski (2012, p.34), corrobora com tal reflexão: “Essas novas tecnologias digitais ampliaram de forma considerável a velocidade e a potência da capacidade de registrar, estocar e representar a informação escrita, sonora e visual”.

Para Valente (2014, p.145) “As TICs podem estar interligadas em rede e, por sua vez, interligadas à Internet, constituindo-se em um dos mais poderosos meios de troca de informação e de realização de ações cooperativas.”

Em síntese, percebemos a importância do uso das TDICs no dia a dia e principalmente no campo escolar, as quais proporcionam um processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, mais interativo, ao permitir mais integração aluno-professor, professor-aluno, aluno-aluno e professor-professor, o que leva a uma aprendizagem significativa na construção do saber de forma crítica e reflexiva.

### **4.3 O Processo Avaliativo por meio da *WebQuest***

Considerando a *WebQuest* uma atividade de pesquisa orientada, uma das formas avaliativas são as rubricas, detalhadas previamente pelo professor, com os critérios

estabelecidos de acordo com os objetivos da pesquisa. Dessa forma, orientar os estudantes na construção do conhecimento contribuirá de forma significativa em sua aprendizagem ao final da proposta avaliativa.

[...] avaliar se refere a qualquer processo por meio do qual alguma ou várias características de um/a aluno/a, de um grupo de estudantes, de um ambiente educativo, de objetivos educativos, de materiais, professores/as, programas, etc., recebem a atenção de quem avalia, analisam-se e valorizam-se suas características e condições em função de alguns critérios ou pontos de referência para emitir um julgamento que seja relevante para a educação (Sacristán & Gómez, 2007, p. 298).

E ainda, segundo Pironel (2002):

[...] o processo de ensino-aprendizagem deve ter um acompanhamento, intrínseco a ele, que procure compreender o desenvolvimento do aluno nos seus aspectos cognitivo, emocional, crítico e social, o qual chamaremos avaliação, para que o professor possa também avaliar seu trabalho e traçar, quando necessário, novas diretrizes no planejamento de suas aulas, sempre objetivando o pleno desenvolvimento do educando (Pironel, 2002, p. 46-47).

O olhar do docente não deve ser a de um juiz nem de um mero aplicador de provas e testes; ao agir assim estará assumindo uma atitude punitiva na avaliação, distanciando seu aluno de uma aprendizagem mais significativa, com orientações e conselhos no processo do desenvolvimento cognitivo. Luckesi, afirma que:

[...] para que a avaliação seja possível e faça sentido, o primeiro passo é estabelecer e ter uma ação claramente planejada e em execução, sem o que a avaliação não tem como dimensionar-se e ser praticada, pois que o seu mais profundo significado, a serviço da ação, é oferecer-lhe suporte, com o objetivo de

efetivamente chegar aos resultados desejados. [...] Mais que isso: a existência da avaliação de acompanhamento depende da existência de um projeto em execução. O planejamento define aonde se deseja chegar com a ação, assim como os meios para chegar aos resultados desejados (Luckesi, 2011, p.20).

As rubricas do processo avaliativo, em relação ao quadro ilustrativo abaixo, Quadro 1. Sequência das Rubricas, o instrumento de avaliação é apresentado em forma de tabela, construída e modificada com base nos critérios específicos. Os critérios avaliativos estão divididos em: **Apresentação oral; Texto dissertativo-argumentativo; Planificação e Avaliação**, cada um valendo 25% da nota final, respeitando as escalas de desempenho dos diferentes níveis com suas respectivas descrições, para que os estudantes acompanhem seu desenvolvimento durante a tarefa.

Quadro 1. Sequências das Rubricas

| <b>Webquest – Variação Linguística e Preconceito Linguístico</b>                            |   |                   |
|---|---|-------------------|
| <b>Crítérios</b>  | <b>Dimensões</b>  | <b>Porcetagem</b> |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Apresentação Oral</b></li> </ul>                | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Linguagem Corporal</li> <li>● Gramática e pronúncia</li> <li>● Organização e sequência</li> </ul>    | 25%               |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Texto Dissertativo-Argumentativo</b></li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Formatação - ABNT</li> <li>● Gramática e ortografia</li> <li>● Estética</li> </ul>                   | 25%               |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Planificação</b></li> </ul>                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Eficácia na solução</li> <li>● Criatividade</li> <li>● Justificativa</li> </ul>                      | 25%               |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Avaliação</b></li> </ul>                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>● Análise dos dados</li> <li>● Qualidade dos argumentos</li> <li>● Inferências e conclusões</li> </ul> | 25%               |
| <b>Nota Final</b>   |   | 100%              |

Fonte: Elaborada pelo autor

Luckesi (2011, p. 295-296) defende que

[...] importa avaliar é o resultado da ação, e esta deve estar definida nessas instâncias. Nesse contexto, os instrumentos necessitam ser elaborados, aplicados e corrigidos segundo especificações decorrentes dessas decisões prévias à ação. Elas definem os resultados almejados, e, então, a avaliação existe para informar se eles foram atingidos ou não e, com que qualidade. Se nossos instrumentos de coleta de dados não nos proporcionam isso, são insatisfatórios.



A avaliação, sob a óptica inclusiva, no âmbito escolar, refere-se ao processo individual, contínuo e contextualizado do estudante. Não há comparação com qualquer outro, ou seja, é preciso que o professor acompanhe a trajetória do aluno e conheça o profundamente, com o intuito de descobrir o melhor modo de o discente expressar o conhecimento dele. Este compromisso do docente vai conduzi-lo a refletir que “avaliar é ponderar, analisar, verificar se uma ‘coisa’ está em conformidade com certos padrões predeterminados” (Carvalho, 2022, p. 15).

Perrenoud (1999) postula que devemos (re)pensar e (re)estruturar a forma pela qual avaliamos dentro das escolas, pois acredita que deve haver uma avaliação contínua, formativa, que evidencie o desenvolvimento cognitivo integral do estudante.

O mais eficiente instrumento de avaliação, à disposição dos professores [...], é a observação da participação do aluno em todas as atividades e os momentos de conversas informais que o professor pode manter com ele. Apesar da simplicidade da ideia, este instrumento de avaliação não é nada fácil de ser aplicado (Pironel, 2002, p. 185).

Para que a avaliação norteadora aconteça no processo de ensino-aprendizagem o educando deve ser o sujeito da aprendizagem, ou seja, ele deve compreender todo conhecimento adquirido para ter um senso crítico e reflexivo sobre suas ações e tornar mais confiante a busca de sua aprendizagem significativa; pois “Basicamente, a avaliação é considerada como um instrumento sancionador e qualificador, em que o sujeito da avaliação são as aprendizagens realizadas, segundo certos objetivos mínimos para todos” (Zabala, 1998, p. 195).

Define Libâneo (2013, p. 217) que,

[...] a avaliação escolar como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos, e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas.

Portanto, avaliar é refletir a respeito das decisões mais assertivas, a partir dos dados coletados para contribuir com os objetivos definidos pelo professor no planejamento escolar. Esta tomada de consciência auxilia no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores. Assim sendo, a avaliação consiste na coleta de dados quantitativos e qualitativos e na interpretação desses resultados com base em critérios previamente definidos. (...) Podemos dizer que, enquanto a mensuração é, basicamente, um processo descritivo pois consiste em descrever quantitativamente um fenômeno, a avaliação é um processo interpretativo pois consiste num julgamento tendo como base padrões ou critérios (Haydt, 2006, p. 290).

Diferentes instrumentos de avaliação são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem. Ao longo das discussões, os autores demonstram a relevância de métodos eficazes de verificação coerente, a fim de garantir resultados seguros e satisfatórios, forma de beneficiar a ação docente e o fazer discente. Dessa forma, a avaliação deve levar o estudante a pensar, refletir e buscar novos recursos para alcançar seu conhecimento.

## 5. Autorregulação da Aprendizagem

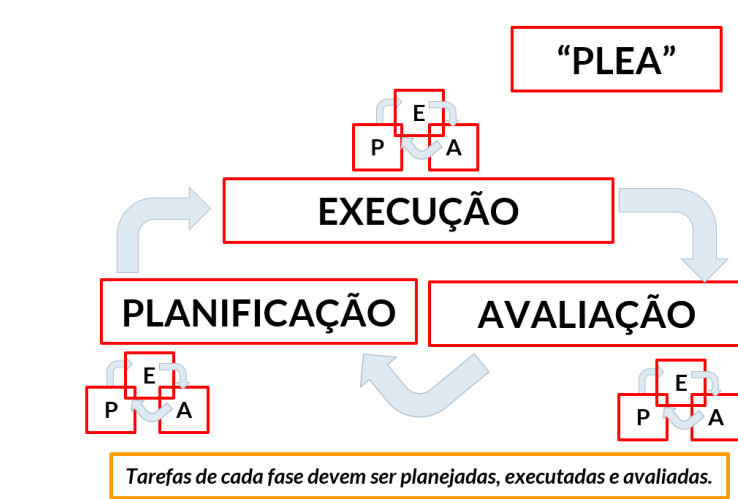
Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva (TSC) de Bandura (2008b), o sujeito que aprende é o agente de sua aprendizagem, ou seja, ele compreende que a aprendizagem não se restringe apenas ao acúmulo de informações escolares/não escolares. Uma das concepções diz que as pessoas:

[..] não são apenas hospedeiras e espectadoras de mecanismos internos regidos pelos eventos ambientais. Elas são agentes das experiências, ao invés de simplesmente serem sujeitas a elas. Os sistemas sensorial, motor e cerebral são ferramentas que as pessoas usam para realizar as tarefas e os objetivos que conferem significado, direção e satisfação às suas vidas (Bandura, 2008b, p.71)

Sob a perspectiva sociocognitiva de Albert Bandura, os processos essenciais para a compreensão dos envolvidos na aprendizagem estão focados, no contexto educacional, nos conceitos de Autorregulação e Autoeficácia, isto quer dizer que os estudantes não são vistos como meros recipientes passivos de informação e os comportamentos autorregulatórios são compreendidos como mediadores entre aspectos pessoais e contextuais de aprendizagem (dinamismo). Assim, a teoria da autorregulação não menospreza o papel do ambiente social.

Um modelo autorregulatório para aprender é proposto por Rosário *et al.* (2003) conhecido por PLEA — Planificação, Execução e Avaliação das tarefas, conforme o esquema da figura 11.

Figura 11. PLEA



Fonte: Elaborada pelo autor

Os autores enfatizam que, na fase de **planejamento**, momento em que os estudantes analisam a tarefa a ser realizada, a fim de construir estratégias para alcançar os objetivos estabelecidos. A **execução** consiste na implementação destas estratégias com base na organização a serviço da tarefa e pelo monitoramento da sua eficácia em atingir as metas. Por último, na **avaliação**, os estudantes farão uma relação entre o produto da aprendizagem e as metas estabelecidas. Em resumo, o PLEA sempre se reinicia a cada nova tarefa.

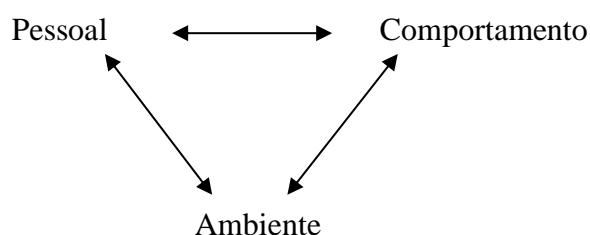
Durante a avaliação, as contribuições da TSC aplicadas no contexto educacional se fundamentam na autorregulação e na autoeficácia no processo de modelagem [apud.].

Por fim, ainda segundo Bandura (2008a), a aprendizagem observacional (modelagem) assume-se, por vezes, mais eficiente do que a aprendizagem direta, pelo fato de partir de um modelo e não por se tratar de mera imitação. Este processo acontece a todo momento, sem que o aluno se dê conta desse aprendizado. Seria como realizar comportamentos úteis/não úteis ou valorizados/não valorizados no entorno social. Pela observação, destacam-se fatores importantes, entre eles, pessoas ou objetos de conhecimento que estão acima de nós, ou seja, mais competentes e poderosos.

## 5.1 Reciprocidade Triádica

De acordo com Bandura (1986, 2008a), o ambiente afeta o sujeito e seu comportamento, mas o sujeito também afeta o ambiente por meio de seu comportamento. Essa interação faz emergir a capacidade de autogestão do sujeito, por permitir certo grau de controle sobre suas ações, pensamentos e sentimentos, os quais podem variar de pessoa para pessoa, considerando diferentes contextos, conforme representa a figura 12.

Figura 12. Modelo de reciprocidade triádica da causalidade do comportamento.



Fonte - Adaptado de Bandura, 1986, p. 26

O educando, por meio da TSC, se influencia não só pelo próprio autodesenvolvimento, adaptação e mudança que o ambiente escolar propõe, mas também pela socialização, já que a escola é um espaço onde as culturas se misturam e se interpenetram, devido às multiculturas, às trocas de experiências e conhecimentos, com intuito de alcançar os objetivos propostos, ou seja, o estudante desenvolverá as capacidades da cognição humana: memorizar, prever, planejar e julgar.

Desta forma, cada fator influencia os outros dois, mas também é influenciado por eles, ou seja, o ambiente influencia o sujeito e seu comportamento, mas o sujeito também influencia o ambiente por meio de seu comportamento. Essas vias de mão dupla se repetem em cada um dos elementos; nenhum dos fatores é autônomo ou isolado nesta relação.

A reciprocidade triádica, no entanto, compreende o seguinte: os resultados cujas

alterações o indivíduo empreende em seu ambiente e em suas autocrenças podem alterar o desempenho dele, o que significa dizer: as pessoas aprendem observando tanto os outros quanto os diferentes ambientes. A reciprocidade triádica é um conceito central da TSC: o processo de aprendizagem decorre da combinação da mente e do ambiente bem como dos resultados da interação das ações humanas, visto que, por meio da observação dos modelos sociais existentes - com os quais interagimos ao aprender -, se torna mais eficiente do que a aprendizagem pela experiência direta. Ramos et al. (2022), fazem uma descrição dos três fatores que compõem a inter-relação triádica. São eles: **os fatores pessoais**, ou seja, os componentes cognitivos humanos, além de tendências e eventos biológicos; **o fator ambiental**, isto é, um componente externo a um indivíduo que pode ser outro indivíduo; e **o comportamento humano**.

## 5.2 Agência Humana

Na TSC, o autodesenvolvimento e a mudança do comportamento humano são explicados por Bandura (2008b) a partir da perspectiva da agência humana. Esta compreende tanto as crenças individuais quanto as coletivas. Em outras palavras, a primeira refere-se à sua capacidade de realizar ações (autoeficácia) e a segunda diz respeito às capacidades pertencentes a um determinado grupo no qual está inserido (eficácia coletiva). Ambas são conceitos cruciais na TSC.

[..] as pessoas não são apenas hospedeiras e espectadoras de mecanismos internos regidos pelos eventos ambientais. Elas são agentes das experiências, ao invés de simplesmente serem sujeitas a elas. Os sistemas sensorial, motor e cerebral são ferramentas que as pessoas usam para realizar as tarefas e os objetivos que conferem significado, direção e satisfação às suas vidas (Bandura, 2008b, p.71).

Bandura (2008b) explica, igualmente, as características básicas da agência humana, fundamentadas em 4 capacidades essenciais: intencionalidade, pensamento antecipatório, autoreatividade e autoreflexão. A **intencionalidade** consiste no fato de as pessoas desenvolverem seus planos de ação e estratégias para alcançá-los, isto é, sua agência pessoal, como por exemplo: ações realizadas na escola, organizações, etc, que dependem de uma intencionalidade coletiva; o **pensamento antecipatório** é quando o indivíduo define objetivos e antevê os resultados planejados, direciona e motiva para tomada de ações; já a **autoreatividade**, possibilita que o indivíduo transforme suas intenções e planos em realidade, pelos processos autorregulatórios que monitora suas ações para atingir seus objetivos; enquanto a **autoreflexão** é a capacidade metacognitiva de refletir sobre si mesmo, pensamentos e crenças pessoais.

A agência humana assume modos que são quase exclusivamente sobre o exercício da agência individual, mas a TCS postula três tipos diferentes de agência: a agência individual, a agência delegada e a agência coletiva. Na primeira, as pessoas influenciam seus próprios funcionamentos e os eventos ambientais; na segunda, socialmente mediadas, as pessoas delegam a ação ao outro, com possibilidades mais diretas para que atuem na direção esperada por quem delega. Confirma Bandura (2008b, p.82) que “ninguém tem o tempo, a energia e os recursos necessários para dominar todas as áreas da vida cotidiana”; Por fim, a última, refere-se às crenças que não são autônomas e dependem um dos outros para atingir seus resultados desejados.

A Teoria Social Cognitiva (TSC) enfatiza que todas as pessoas possuem uma característica única: a agência humana. Essa agência consiste na capacidade de exercer influência sobre o seu próprio comportamento e suas próprias ações, visando à obtenção de metas pessoais.

### 5.3 Autoeficácia

A autoeficácia é a base para o conceito da agência humana que influencia o comportamento das pessoas, para tomadas de decisões. Segundo Bandura (2008b, p.78), “Entre os mecanismos da agência pessoal, nenhum é mais central ou penetrante do que as crenças pessoais em sua capacidade de exercer uma medida de controle sobre o seu próprio funcionamento e os eventos ambientais”.

Com base na TSC, a autoeficácia é uma crença que temos a respeito das nossas capacidades a fim de realizarmos uma ação pretendida, ou seja, são as escolhas: como vamos agir? Quanto esforço vamos entregar nessa(s) ação(ões)? Por quanto tempo iremos insistir em virtudes das dificuldades? Se vamos ou não desistir caso aconteça retrocessos? Diante disso, Bandura (1986, 2008a) se baseia em outras duas crenças: primeiro no quanto somos capazes de controlar nosso próprio funcionamento e segundo na capacidade de controlar o ambiente no qual agiremos, isto é, quanto mais eu conseguir controlar a mim mesmo e o ambiente, maior será minha autoeficácia em realizar a(s) ação(ões) propostas.

Essencialmente, as crenças de auto-eficácia são percepções que os indivíduos têm sobre suas próprias capacidades. Essas crenças de competência pessoal proporcionam a base para a motivação humana, o bem-estar e as realizações pessoais. Isso porque, a menos que acreditem que suas ações possam produzir os resultados que desejam, as pessoas terão pouco incentivo para agir ou perseverar frente a dificuldades. (Pajares; Olaz, 2008, p. 101)

Desta forma, quando um indivíduo acredita na capacidade de realizar ação (ou ações) aumenta sua autoeficácia. Quando ele não acredita em sua capacidade, sua autoeficácia diminui. Vale resaltar que tal fato sempre se baseia na crença da sua auto-observação.



[..] as crenças de autoeficácia podem ser compreendidas como o produto de um processo cognitivo complexo, constituída por informações derivadas de situações vividas diretamente, aprendidas pela observação de modelos, persuasão social e pelos estados psicofisiológicos. Operam reciprocidade com os processos cognitivos, motivacionais, afetivos e de seleção, os quais operam em conjunto na regulação do funcionamento humano. (Iaochite, 2017, p. 22)

O autor salienta que muitos fatores externos podem afetar o nível de engajamento do indivíduo na execução da(s) ação(ões), o que implicará no sucesso independente de suas habilidades frente às situações adversas. Assim fica claro que tanto o sucesso quanto o fracasso dependerão do nível de autoeficácia de cada indivíduo, mudando o processo cognitivo a cada performance na atividade ou ação realizada.

Pajares e Olaz (2008) afirmam que as crenças da autoeficácia influenciam o funcionamento humano de certa forma. Quando os indivíduos estão mais confiantes conseguem enfrentar os desafios com afinco sem serem dominados por eles. Dessa forma, os autores ressaltam que os indivíduos como seres auto-organizados, pró-ativos, autorreflexivos e autorreguladores, são resultado do entrelaçamento dos aspectos pessoais, comportamentais e ambientais.

Neste contexto, Bandura (1986) destaca as crenças dos indivíduos em suas próprias capacidades de motivação para o sucesso das ações em curso, onde estão envolvidos três aspectos: **a). auto-eficácia** que pode compreender o desempenho de uma tarefa específica, visto que as informações sobre o indivíduo, as características da tarefa e o contexto de trabalho, por exemplo, podem contribuir para uma avaliação mais precisa do indivíduo acerca de suas próprias capacidades; **b). auto-eficácia** é um construto dinâmico, composto por julgamentos que podem mudar ao longo do tempo em função da aquisição sistemática de novas informações

e experiências; c). **as crenças de auto-eficácia** que refletem um processo individual complexo, que envolvem a criação e o teste de formas alternativas de comportamentos e de estratégias de esforço perseverante.

De acordo com Russo & Azzi,

Automotivação e ação propositiva também estão enraizadas na atividade cognitiva, bem como o são as análises feitas no domínio afetivo. Pessoas com baixa eficácia percebida em determinado aspecto tenderam a optar por atividades diferentes daquelas escolhidas por quem se percebe mais eficaz. [...] em nenhum momento a discussão sobre crença desconsidera a necessidade de habilidade para a realização das ações (Russo & Azzi, 2019, p. 31).

Diante deste contexto, a crença de autoeficácia é descrita por Bandura (1986) como senso de autoestima ou valor próprio, o que compreende uma visão própria sobre sua capacidade de exercer o controle sobre o seu próprio funcionamento e sobre os eventos que afetam sua vida.

## **6. Análise e Discussões**

Neste capítulo, discute-se o processo de avaliação por meio da *WebQuest* na perspectiva da Autorregulação da Aprendizagem, proposto por Albert Bandura 1986, 2008a, 2008b. Desta forma a atividade de criação de *paper* científico, seguindo as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, sobre o tema: “Variação Linguística e Preconceito Linguístico” no 1º Semestre de 2022, na Escola Estadual Professor Luiz Gonzaga Silva e Pinto, localizada no município de São Paulo / SP, Bairro Jardim São Luis.

O caso ilustrativo ocorreu nas duas séries do 1º ano (A e B) do Ensino Médio. Cada

turma conta com 30 alunos, sendo que, do total, 40 alunos realizaram a proposta em questão, ou seja, desenvolveram sua autoeficácia e 20 alunos não a realizaram devido a sua baixa autoeficácia, mesmo tendo o incentivo do professor que explicou e orientou a realização da tarefa.

A avaliação do artigo científico proposto aos alunos, seguindo as rubricas mencionadas anteriormente, 40 alunos atingiram todas escalas de desempenho: **Apresentação oral; Texto dissertativo-argumentativo; Planificação e Avaliação**, conseguindo 100% da nota, resultando no seu autodesenvolvimento na aquisição de conhecimento. No entanto, 20 alunos apenas fizeram **Apresentação oral, Planificação** (parcial) e **Avaliação** (parcial), prova de sua baixa crença de autoeficácia.

Diante deste fato, aos estudantes que não desenvolveram o texto argumentativo-dissertativo, foram avaliados de forma diferenciada ao longo do processo, respeitando suas habilidades, competências e ritmos, conforme os autores mencionados anteriormente. Carvalho (2022), Haydt (2006), Luckesi (2011), Pironel (2002), Sacristán & Gómez (2007) e Zabala (1998), discutem que avaliar é interpretar os resultados com base nos critérios estabelecidos, ou seja, observar e analisar a participação dos alunos ao longo do desenvolvimento do processo.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as contribuições da *WebQuest* no processo de autorregulação da aprendizagem dos estudante; quando se constatou que, ao compreender e entender o propósito da tarefa de “Variação Linguística e Preconceito Lingusítico”, o educando desenvolve sua capacidade de autoeficácia na realização das etapas em questão.

Os objetivos específicos demonstram - por meio dos autores: Bandura (1986, 2008a, 2008b), Iaochite (2017), Pajares e Olaz (2008), Russo; Azzi, (2019) - que, ao realizarem a tarefa da *WebQuest* em sala de aula, ao longo do 1º semestre de 2022, a autorregulação da aprendizagem auxiliou os estudantes no desenvolvimento cognitivo e da autoeficácia. Assim, a

proposta foi realizada com sucesso.

Desse modo, é possível observar a autorregulação da aprendizagem dos estudantes na execução da tarefa, com a devida atenção do professor nas etapas da atividade em que os indivíduos aliados a expectativas dos resultados em sua crença de autoeficácia, caminham cada vez mais para o sucesso dos objetivos propostos.

## 7. Considerações Finais

Ao ter realizado o levantamento bibliográfico, a metodologia *Webquest* de Dodge (1995); Bacich (2020); Rocha (2007), contextualizam que é uma atividade orientada com o intuito de desenvolver o cognitivo dos estudantes, por meio de uma tarefa desafiadora e aprofundada, em que os estudantes seguem o modelo: **introdução, tarefa, processo, recursos, avaliação, conclusão e créditos**. Estes passos levaram-nos a desenvolver um texto de divulgação científica (*paper*), culminado numa aprendizagem cooperativa, significativa, crítica e reflexiva. Neste sentido, a mediação pedagógica do professor auxilia no processo fundamental de aprendizagem do aluno ao mesmo tempo em que constrói um indivíduo ativo, participativo e colaborativo em suas ações, capaz de mudar seu comportamento no ambiente escolar.

Assim, para elucidar as considerações finais deste trabalho, resgatou-se o problema de pesquisa que constitui analisar as contribuições da *WebQuest* no processo de autorregulação da aprendizagem. Anexo, inseriu-se dois *WebQuests* para demonstrar que os alunos seguiram as etapas para dimensionarem - por si mesmos - a avaliação de sua autoaprendizagem. A tarefa ocorreu com uma apresentação oral, com a análise da linguagem corporal e gramatical, bem como a da pronúncia, da organização textual, segundo os critérios e formatação (ABNT). O plano resultou *a priori* na eficácia da solução, mediante a criatividade e a justificativa no

desenvolvimento dos argumentos apresentados. Por último, a avaliação processual e formativa, que demonstra o princípio da objetividade no desenvolvimento cognitivo integral do estudante, contribuiu com os objetivos definidos no planejamento do professor, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, compreender os dois principais conceitos da Teoria Social Cognitiva (TSC): autorregulação e autoeficácia no âmbito escolar, pode enriquecer o processo da construção do conhecimento do indivíduo, que não são agentes passivos da informação e sim agentes das experiências vividas, ou seja, o indivíduo adapta as mudanças ao desenvolver sua capacidade de cognição: ao memorizar, prever, planejar e julgar. Esta capacidade, definida como um processo de autoreflexão que monitora e avalia seu próprio aprendizado, realiza-se na reciprocidade triádica: pessoa, ambiente e comportamento. Nessa circunstância, o ambiente influencia o estudante e seu comportamento influencia o ambiente a partir de seu comportamento.

O processo de ensino-aprendizagem através da *WQ*, na visão da agência humana, contribui na construção de indivíduos autorreflexivos, autorregulados, auto-organizados e proativos. Em outras palavras, essa constatação da percepção que o indivíduo tem de si mesmo, é o elemento básico da autoeficácia. É preciso, para isso, entender a construção cognitiva de cada estudante na vida escolar - primordial na sua vida social e profissional, bem como na sua capacidade de realizar as tarefas.

Contudo, não é fácil essa tarefa, a autoeficácia tem implicações educacionais importantes, no contexto da sala de aula, nas metas e objetivos que promovem situações que incentivem a participação dos estudantes em sua aprendizagem.

Os resultados da presente pesquisa apontaram, um alto grau de autoeficácia no desenvolvimento do artigo de divulgação científica por partes dos alunos, indicador importante no âmbito educacional. Bandura (1986, 2008a) pensa a TSC ao considerar todos os

profissionais da educação, com o intuito de promover atividades que desenvolvam as potencialidades de autorregulação e o senso de autoeficácia em seus estudantes.

O contexto escolar revela-se um espaço de reflexão e ação no cotidiano da sala de aula. A Teoria Social Cognitiva proporciona dados fundamentais na prática pedagógica, aliada na formação da crença da autoeficácia tanto nos alunos, quanto nos professores. Neste sentido, a percepção da autoeficácia, no ensino, acontece nas relações intra-escolares, em colaboração com os demais colegas bem como com a direção, tendo por intuito criar condições para o desenvolvimento de suas pontencialidades, possibilitando o aumento gradual do senso da autoeficácia.

As reflexões, levadas a cabo neste trabalho, promovem diferentes fatores para uma escola favorável à eficácia no ensino, à reciprocidade triádica sobre os comportamentos de cada indivíduo no ambiente e vice-versa. Assim, incidem no comportamento do estudante fatores pessoais, ambientais que se refletem na execução das tarefas. Sendo assim, uma escola que favorece uma aprendizagem mais significativa e reflexiva, precisa considerar tornar o ambiente mais próximo à realidade do aluno, com atividades mais desafiadoras, dinâmicas, colaborativas, na formação individual e coletiva, que se refletirão nas ações e comportamentos, tendo a possibilidade de modificá-los exercendo influência sobre o seu meio.

Diante de tudo o que foi exposto, podemos concluir que os objetivos gerais e específicos foram respondidos, de forma satisfatória ao longo da discussão bem como no caso ilustrativo. Assim, a autorregulação da aprendizagem no processo avaliativo por intermédio da *WebQuest* mostrou que os dados foram analisados a contento, concluindo-se que a crença de autoeficácia dos alunos, referente à atividade proposta, foi plenamente alcançada.

Por fim, a produção desta pesquisa, fez uma reflexão da prática pedagógica, do autor do estudo, permitindo um olhar diferenciado sobre como desenvolver as atividades e avaliações, com intuito de construir um indivíduo mais preparado para os inúmeros desafios que a vida

pessoal, escolar e profissional apresentam no cotidiano contemporâneo. As contribuições ainda se dão na perspectiva de que o estudo em tela ainda poderá contribuir com futuras pesquisas no campo da Educação, podendo responder, preencher, solucionar ou contribuir para reflexões que possibilitem suprir lacunas sobre a temática.

## 8. Referências Bibliográficas

Abar, C. A. A. P., & Barbosa, L. M. (2008). Webquest: Um desafio para o professor! uma solução inteligente para o Uso da Internet. Avercamp.

Alvarenga, E. M. de. (2019). Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa (2nd ed.). Grafica Sfi - Assunção - Paraguai.

Bacich, L. (2020). WebQuest: como organizar uma atividade significativa de pesquisa [web log]. Retrieved October 1, 2022, from <https://lilianbacich.com/2020/03/22/webquest-como-organizar-uma-atividade-significativa-de-pesquisa/>.

Bachich, L., & Moran, J. (2015). Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. Educação Transformadora. Retrieved December 12, 2022, from <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2015/07/hibrida.pdf>

Bandura, A. (2008a). A teoria social cognitiva na perspectiva da agência. In Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos (pp. 15–41), Artmed.

Bandura, A. (2008b). A evolução da teoria social cognitiva. In Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos (pp. 69–96), Artmed.

Bandura (1986). Social foundations of thought and action: A social cognitive theory. Englewood Cliffs, NY. Prentice Hall.

Barato, J. N. (2012). A alma das webquests. In Computadores em sala de aula: Métodos e usos (pp. 103–116). Penso.

Brasil. (2018). BNCC: Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acessado em 11 de nov de 2022.

Carvalho, R. S. de. (2022). A avaliação na escola: guia de conceitos e práticas (1st ed.). Parábola Editorial.



Corrêa Barata Lopes, A. C., & Marins Azevedo, R. O. (2016). Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza. *Práxis Educacional*, 12(23), pp. 405-410. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/920>

Dodge, B. WebQuests: a technique for Internet-based learning. *The Distance Educator*, San Diego, v. 1, n. 2, p. 10-13, 1995. (Trad. Jarbas Novelino Barato). Disponível em: <[http://www.dm.ufscar.br/~jpiton/downloads/artigo\\_webquest\\_original\\_1996\\_ptbr.pdf](http://www.dm.ufscar.br/~jpiton/downloads/artigo_webquest_original_1996_ptbr.pdf)>

Fonseca, J. J. S. da. (2002). *Metodologia da Pesquisa Científica*. UECE – Universidade Estadual do Ceará.

Gil, A. C. (2019). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (7th ed.). Atlas.

Haydt, R. C. C. (2006). *Curso de Didática Geral* (8th ed.). Ática.

Iaochite, R. T. (2017). Crenças de Autoeficácia: considerações teóricas. In *Autoeficácia em Contextos de Saúde, Educação e Política* (pp. 13–27). Letra 1.

Imberion, F. (2010). *Formação Docente e Profissional; formar-se para a Mudança e a incerteza*. Cortez Editora e Livraria.

Kenski, V. M. (2012). *Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação* (8th ed.). Papirus.

Kenski, V. M. (2015). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Papirus.

Libâneo, J. C. (2013). *Didática* (2nd ed.). Cortez Editora.

Lima, L. de, & Loureiro, R. C. (2019). *Tecnodocência: Concepções Teóricas*. UFC.

Luckesi, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico*. Cortez.

Manfredini, B. F. (2012). Rupturas de Paradigmas no uso das Tecnologias. Em Almeida, N. A (Coord.) et al, Tecnologia na Escola: Abordagem pedagógica e abordagem teórica (pp. 49–74). Cengage Learning.

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2022). Fundamentos de Metodologia Científica (8th ed.). Atlas.

Masetto, M. T. (2013). Mediação Pedagógica e Tecnologias de Informação e Comunicação. Em Novas Tecnologias e Mediação Pedagógicas (pp. 141–171). Papirus.

Mercado, L. P. L., & Viana, M. A. P. (2004). Projetos utilizando internet: A metodologia webquest na prática. Q Gráfica.

Moran, J. (2022). Avanços e Desafios na Educação, neste momento. Prof. José Moran. Retrieved January 14, 2023, from <https://josemoran.com.br/AVANCOS-E-DESAFIOS-NA-EDUCACAO/>.

Moran, J. M. (2013). Ensino e Aprendizagem Inovadores com apoio de Tecnologias. Em Novas Tecnologias e Mediação Pedagógicas (pp. 11–72). Papirus.

Oliveira, E., Carvalho, C., Silva, F., & Rodrigues, G. (2015). Formação Docente para o uso das Tecnologias Digitais: Novos Saberes do Professor. Revista Do Seminário Mídias & Educação, 1(1). <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/midiaseeducacao/article/view/505>

Pajares, F., & Olaz, F. (2008). Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In Teoria social cognitiva : conceitos básicos. (pp. 97-114). Artmed.

Perrenoud, Philippe. (1999). A avaliação entre duas lógicas. In Perrenoud, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. (pp. 9-23). Artmed.

Pironel, M. (2002). A Avaliação integrada ao processo de ensino-aprendizagem da matemática na sala de aula. (Dissertação de Mestrado). UNESP. Rio Claro, SP.

Ramos, M. F. H., Pereira, E. C. de C. S., & Silva, E. P. (2022). A teoria social cognitiva: algumas aproximações. In *Teoria social cognitiva;saude e Bem-Estar Profissional* (pp. 17–26). Editora Dialética.

Rocha, L. R. A. Concepção de pesquisa no cotidiano escolar: possibilidades de utilização da metodologia Webquest na educação pela pesquisa. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba

Rosário, P. S. L., Trigo, J., & Guimarães, C. (2003). Estórias Para Estudar, Histórias Sobre O Estudar: Narrativas Auto-Regulatórias Na Sala De Aula. *Revista Portuguesa De Educação*, pp. 117–133.

Russo, M. H., & Azzi, R. G. (2019). Gestão da escola e crenças docentes de eficácia pessoal e coletiva. In *Crenças de Eficácia e Gestão Escolar* (pp. 22–36). Letra 1.

Sacristán, J. G., & Gómez, A. I. P. (2007). Compreender e transformar o ensino. *Artmed*.

Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]* (24th ed.). Cortez.

Thomé, F. A. (2021). Da Tecnologia à Pedagogia dos Multiletramentos: em busca de uma integração conceitual. In *Tecnologia e Educação: aproximações, possibilidades e reflexões* (pp. 26–45). V&V Editora.

Valente, J. A. (2014). A Comunicação e a Educação Baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. *Revista Unifeso – Humanas e Sociais*, V.1, (n.01), pp 141–166.

Vieira, R. S. (2011). O Papel das Tecnologias da Informação e comunicação na educação a Distância: Um estudo sobre a percepção do professor/tutor. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*. Retrieved December 12, 2022, from <https://doi.org/10.17143/rbaad.v10i0.233>

Zabala, A. (1998). A prática educativa: Como Ensinar. *Artmed*.

## 9. Anexo (1)

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

José Antônio

Aula de português, Professor Luiz Gonzaga Pinto e Silva-LGPS

[Joseantoniotigui@gmail.com](mailto:Joseantoniotigui@gmail.com)

Orientador: Domingos Aparecido dos Reis.

**Resumo:** O trabalho apresentado tem como metodologia web Quest, que propõe aos usufrutuários desta processo aulas mais interativas e conexas a internet, no texto a seguir vamos falar sobre as variações linguísticas da língua portuguesa, o preconceito linguístico e quão ele está engravado em nosso dia a dia, vamos citar também nomes como o professor Marcos Bagno, considerado o homem mais acatado quando estamos pensando sobre preconceito linguístico no Brasil, em seu livro “gramática do português brasileiro” ele defendia a libertação da língua praticada no Brasil das regras de Portugal e uma gramática que incluía todos os modos de falar do brasileiro.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Preconceito linguístico. Língua Portuguesa.

#### **Introdução**

Nos dias atuais, o tema preconceito linguístico vem crescendo de forma nunca vista, este crescimento repentino se deve ao fato deste preconceito ser um dos mais antigos e mais enraizados em nossa sociedade até os dias atuais, entretanto a maior parte das pessoas não conseguem notar que ele está presente em nosso cotidiano pois temos o costume de pensar que este tipo de preconceito é normal. Neste texto vamos falar sobre o preconceito linguístico, como nós temos o costume de usar ele sem que possamos perceber, qual o significado da palavra preconceito linguístico, quais as variações linguísticas presentes no dia a dia da população brasileira, iremos falar sobre alguns nomes importantes como o brasileiro Marcos Bagno, o homem que deu significado a palavra preconceito linguístico.

#### **Variação Linguística**

Segundo o site NORMACULTA, escrito pela professora de língua portuguesa Neves (s.d), as variações linguísticas são as mudanças que ocorrem na língua de forma natural e sem a interferência humana, isso acontece, pois, a língua é falada faz parte de

uma sociedade complexa que é formada por diferentes grupos sociais, isso acaba criando grandes mudanças na forma de falar um mesmo idioma, este fato acontece porque os falantes deste idioma acabam o modificando para que ele possa abranger todas as suas necessidades comunicativas, isso faz com que a língua esteja fazendo grandes mudanças com o passar do tempo.

Partindo deste primeiro ponto, podemos pensar que quando algum indivíduo julga ou corrige a forma que uma pessoa fala por ela não estar usando a forma padrão e culta da língua portuguesa, este indivíduo está cometendo o crime de preconceito linguístico.

Segundo o professor de língua portuguesa Marcos Bagno, um dos maiores nomes quando estamos falando de preconceito linguístico no Brasil, qualquer ato que seja feito com a intenção de julgar ou menos prezar uma variação linguística pode e deve ser considerado um ato de preconceito linguístico.

Na língua portuguesa é possível se observar algumas formas de variação linguística, dentre elas as a diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica e cada uma tem o papel de representar uma forma da língua, possuindo cada uma alguma peculiaridade.

### **Varição Diatópica**

A variação linguística diatópica, conhecida como variação regional, é uma variação que ocorre por conta do local onde os falantes estão inseridos, que acaba por influenciar o indivíduo, costuma ocorrer porque diferentes regiões possuem diferentes culturas e com diferentes hábitos que por sua vez acabam fazendo diferentes gramaticais. Um exemplo explícito desta variação linguística é Portugal, um país que fala português, porém por conta de ser extremamente afastado acaba por não falar da mesma forma que os cidadãos brasileiros.

### **Varição Diacrônica**

A variação linguística diacrônica, comumente chamada de variação histórica, são as variações que ocorrem devido as diferentes épocas em que os falantes estavam sendo possível notar pela forma arcaica de se falar e pelo uso de palavras que ficaram com o passar do tempo em desuso. Para podermos perceber isso podemos conversar com pessoas mais velhas que lembrem das gírias e formas de falar da sua devida época.

### **Varição Diastrática**

A variação linguística diastrática, chamada pelos leigos de variação linguística social, é a variação que acontece quando existe uma diferença entre grupos sociais que os falantes estão inseridos. Isso ocorre porque diferentes grupos sociais possuem diferentes tipos de graus de conhecimento. Um exemplo disso são as gírias usadas por um grupo com algum interesse em comum, como estudantes de direito ou professores de inglês.

### **Varição Diafásica**

A variação linguística diafásica, chamada pelas pessoas com menos conhecimentos de variação situacional, ocorre de acordo com o contexto ou situação em que o falante está inserido, um exemplo disso é em uma conversa de alunos em uma sala de aula, caso nos colocarmos estes mesmos alunos para apresentar um seminário terá uma grande chance desses mesmos alunos falarem de forma formal por conta da situação em que estes falantes estão inseridos.

### **Preconceito Linguístico**

O significado da palavra preconceito linguístico foi dado pelo professor Marcos Bagno (2021) considerado o pesquisador mais respeitado neste campo, segundo ele o preconceito linguístico pode ter como o significado todo julgamento de valor negativo as variedades linguísticas com um menor respeito social. Isso significa que exercer o preconceito linguístico é o ato de acreditar que alguma forma de variação linguística está falando o português correto. Este tipo de pensamento costuma estar ligado a classe social menos favorecida, por conta da baixa escolaridade, contudo, é possível se notar que o preconceito linguístico não está apenas ligado a classe baixa, mas também as regiões do norte por conta do sotaque que algumas pessoas pensam ser uma forma errada de falar a língua portuguesa.

A ideologia de achar que está falando o português correto vem se tornando comum



nos dias atuais, ela acabou ressurgindo por conta de algumas pessoas pensarem que falar o português correto é falar da forma culta a língua portuguesa que por sua vez à é forma de variação linguística mais comum de se usar no Brasil e que mais se parece com a norma padrão da gramática da língua portuguesa.

Bagno (2007) em seu livro “o preconceito linguístico, o que é e como fazê-lo”, apontou algumas motivações para explicar o porquê esse tipo de preconceito está voltando a aparecer em nossa sociedade, dentre eles ele apontou que algumas pessoas que vivem em regiões com maior desenvolvimento econômico em relação a outras acreditam ser superiores por conta de seu regionalismo, um exemplo deste tipo de preconceito é a região sul do Brasil que acaba sempre estar ligada ao preconceito por pensar serem superiores.

Um outro exemplo citado por Marcos Bagno, foi nomeado de preconceito socioeconômico, este tipo de preconceito tem uma peculiaridade que os outros não possuem, ele está ligado somente a classe alta da sociedade, que acabam recebendo uma melhor qualidade de ensino e que por algum motivo corrigem a forma de falar ou de escrever de alguém que não teve acesso as mesmas qualidades de ensino por não possuir condições financeiras viáveis.

A última citação feita por Bagno (2007) foi sobre o preconceito cultural, este preconceito acontece quando pessoas que frequentam ciclos sociais mais nobres expressão que pessoas que frequentam ciclos mais baixos não falam a forma correta do português, normalmente isso acontece com pessoas que possuem um gosto muito exótico e desconhecido.

### **Consequências Do Preconceito Linguístico**

Os sujeitos que acabam por suportar o preconceito linguístico normalmente não compreendem que suportaram preconceito, contudo, as sequelas deste preconceito ficam neste indivíduo por tempo indeterminado, como por exemplo este indivíduo pode desenvolver medo de expressar seus pensamentos e de falar em público pois pensa que todos que ouvirem seus pensamentos e sua forma de falar vão rejeitar sua forma de pensar, isso pode fazer com que esta pessoa precise de terapia para o resto de sua vida.

O preconceito linguístico pode ajudar a gerar em um sujeito doenças como depressão, ansiedade ou crises de pânico em determinados momentos por conta de que ele julga e maltrata o jovem.

Para que você possa lembrar o que foi dito no texto até agora vamos fazer uma analogia simples, vamos dividir o tema do texto acima em dois grupos, o preconceito com a pronúncia do nativo daquela língua e o preconceito com a gramática do sujeito.

O preconceito com a pronúncia do falante de uma determinada língua normalmente ocorre quando o indivíduo possui algum tipo de sotaque característico de sua região de origem, como por exemplo os cariocas nativos do estado do Rio de Janeiro, estas pessoas possuem um sotaque e algumas palavras usadas no seu dia a dia bem específicas,

O preconceito citado posterior a este é o preconceito gramatical, que significa o preconceito com a forma com que o sujeito escreve, ocorre quando alguém discrimina a forma de escrever ou a gramática de alguém por algum motivo, por exemplo por falta de concordância nas palavras ou erros na acentuação.

Este tipo de preconceito é comum entre jovens que utilizam as redes sociais como Instagram, por poder comentar o que quiser sem poder obter alguma punição judicial.

### **Como acabar com o preconceito linguístico**

Para que possamos acabar com o preconceito linguístico, deveremos olhar para toda a sociedade e verificar quais os motivos que este preconceito acontece atualmente, o porquê as pessoas de hoje possuem o pensamento de ser superior a algo ou a alguém e quem são as pessoas mais afetadas no final das contas. Após ter descoberto todas as respostas dessas perguntas, deveremos notar que os motivos do preconceito linguístico acontecer atualmente é porque ele nunca foi embora, o preconceito em todo o momento da história do Brasil esteve presente nas pessoas e nas raízes de pensamento destas pessoas que, por não possuírem conhecimento sobre o assunto acabaram por não questionar os próprios pensamentos que para a época atrás era algo normal.

A resposta para a segunda pergunta feita é muito simples, as pessoas que acabam por sentir esta ilusão de superioridade a algo ou neste caso a alguém, possuem este pensamento pois sentem sensações boas em fazer isso por conta de seu cérebro produz dopamina e manda para o resto do corpo, fazendo com que esta pessoa acabe se sentindo bem com o que está fazendo, e não só isso como também esta pessoa não costuma agir sozinha, em diversos casos de preconceito linguístico o sujeito que o praticou está com companhia de alguém, seja um familiar ou amigo da família. Porém em meio a todo o preconceito que temos atualmente Marcos Bagno nos entregou uma solução para que



possamos resolver este problema de uma vez.

Bagno (2011) em seu livro Gramática pedagógica do português brasileiro defendeu que a língua praticada no Brasil deveria ser separada das regras da língua de Portugal e que o Brasil deveria contemplar o próprio modo de falar e sua gramática única no mundo, isso poderia solucionar alguns dos aspectos do preconceito linguístico por algum tempo, porém isso não ficaria deste modo para sempre pois as pessoas estão acostumadas como ele em nosso dia a dia.

A palavra preconceito linguístico já foi confundida diversas vezes com a palavra xenofobia, isso se deve ao significado da palavra xenofobia ser o preconceito contra pessoas com cidadania de outro país, normalmente este tipo de preconceito está ligado a países como os EUA (Estados Unidos da América) e a Rússia por conta do nacionalismo local e dos fortes costumes que estes países possuem em não deixar que outra pessoa venha e pegue o que pertence a seu próprio país.

### **Considerações Finais**

Diante nesta pequena explanação, podemos notar que para que possamos deixar o preconceito linguístico no passado precisamos rever os conceitos de forma de se comunicar de forma padrão, não enxergar os diversos sotaques que a língua portuguesa possui de forma negativa ou pejorativa já que quando nós possuímos um país com tamanho continental, considerado o 5 maior país do mundo.

Com o texto além de notarmos isso, podemos notar que Brasil apresenta uma diversidade de sotaques assim como possui diversas formas de preconceito linguísticos, o fato do Brasil possuir uma quantidade imensa de formas de preconceito mostra o quão a sociedade ficou preconceituosa com a própria população com o passar do tempo, porém a sociedade pode se regenerar e superar grande parte deste preconceito linguísticos uma prova disso são os jovens que atualmente estão questionando o por que o preconceito linguísticos ainda existe nos dias atuais que são considerados a melhor época na luta contra o preconceito seja ele linguísticos, racial ou xenofóbico. Por último, porém não menos importante temos que notar a evolução de pensamento e o quão forte foi o impacto feito pelo professor Marcos Bagno em relação ao preconceito linguístico

### Referências

BAGNO, Marcos. **O lugar da variação linguística na aula de português - acessível em Libras**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8SwXexFAfXw&t=2s>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BAGNO, Marcos . **Gramática pedagógica do português brasileiro**, São Paulo, Parábola, 1056p. 2011

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007

FERNANDES, Mariana. **O que é preconceito linguístico?** 2021. Disponível em: <https://ead.uri.br/blog/preconceito-linguistico>. Acesso em: 01 abr. 2022.

NEVES, Flávia. (n.d). **Variação linguística: o que é e exemplos**. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

## 10. Anexo (2)

### RELATO DE EXPERIÊNCIA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Ray Rodrigues Da Silva

Nome da Instituição – E. E. Prof ° Luiz Gonzaga Pinto e Silva

Rayrodriguessantosray212@gmail.com

Prof. Domingos Aparecido dos Reis

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo abordar o tema Variação Linguística e Preconceito Linguístico e fatos que ocorrem no nosso cotidiano que são devidos a esses temas, mostrando alguns exemplos de como isso pode influenciar psicologicamente na vida de quem tem o impacto sobre esses temas. Além disso algumas citações mostradas no debate feito no dia 12/05 estão presentes no trabalho com intuito de servir como aprendizado para que isso não possa ocorrer mais vezes pela sociedade.

**Palavras-chave:** Preconceito. Linguística. Variação. Linguística. Regional. Social. Histórica. Estilística. Falantes.

#### Introdução

O presente relatório tem como objetivo informar sobre o preconceito linguístico e a variação linguística e como isso pode afetar e impactar relativamente na vida de quem sofre com as consequências de quem age com esse preconceito e o trabalho tem como objetivo ensinar sobre o que cada um se trata e como que é criado esse tipo de variação na linguística e como surge o preconceito linguístico que é criado a partir de quando alguém não concorda com essas variedades e começa a achar que só existe um jeito “correto” de se pronunciar a linguagem e mostra como esse pensamento está muito errado e demonstra exemplos de como esse tipo de pensamento leva as pessoas a criarem inseguranças ao se comunicar com outras pessoas.

### **Variação Linguística**

A variação linguística é um fenômeno que ocorre na língua e pode ser compreendido pelas variações históricas (diacrônicas) e regionais (diatópicas). Em um país que tenha um idioma oficial como o Brasil, a língua sofre diversas alterações, atualizações, modificações, isso ocorre porque os falantes a modo de suprir suas necessidades acabam alterando a língua a seu favor. Como a língua não é um sistema fechado e sim sujeito a sugestões acaba que sofre essas mudanças.

#### **Variação linguística regional**

Esta variação ocorre na região aonde vivem os falantes e ela ocorre porque diferentes regiões têm diferentes hábitos de viver, culturas, modos e tradições estabelecendo assim diferentes mudanças na linguística os influenciando desde criança a ter tal comportamento. Alguns exemplos dessa variação são: aipim, mandioca, macaxeira, todas elas têm o mesmo contexto, porém o modo de pronuncia é diferente devido a região que os falantes se encontram.

#### **Variação linguística histórica**

As variações históricas, também conhecidas como diacrônicas, ocorrem de acordo com o tempo passado, pelas diferentes épocas vividas pelos falantes, essa variação é possível distinguir o português arcaico do português moderno, como essa variação ocorre pelas diversas eras vividas pelos falantes algumas frases acaba, que ficam em desuso. Alguns exemplos da variação diacrônica que ficaram em desuso: vossemecê, botica, cumprir. Algumas frases de diferentes épocas: você é um chato de galocha, ele é maior barbeiro, vai catar coquinho.

#### **Variação linguística social**

As variações linguísticas sociais ou conhecidas também como diastráticas, ocorrem de acordo com os diferentes grupos sociais, cada uma tem um hábito

diferente e culturas diferentes e diversas experiencias de vida então cada grupo social tem a sua certa variação porque usam diferentes tipos de comunicação para se comunicar. Alguns exemplos dessa variação, gírias usadas por um grupo de pessoas com interesses em comum como os skatistas: prefiro freestyle, o gringo tem um carrinho irado, o silk do skate ta insano.

### **Variação linguística situacional**

As variações linguísticas situacionais também conhecidas como diafásicas, são variações ocorrem de acordo com a situação em que ocorre o processo de comunicação entre os falantes, alguns momentos são utilizados linguagem formal ou informal.

A linguagem formal é utilizada em momentos sérios quando não existe intimidade entre os falantes exemplo disso são nas entrevistas de emprego que é requerido um uma postura formal para você adquirir o cargo desejado e ser contratado para aquela empresa.

A linguagem informal ela é considerada uma linguagem menos prestigiada e culta, e diferente da formal ela é utilizada quando os dois falantes têm intimidade ou um grau de familiaridade um exemplo disso são amigos ou família que tem liberdade para usarem a linguagem da forma que desejarem e isso também é outro fator que contribui para a variação linguística ocorrer.

### **Preconceito Linguístico**

O preconceito linguístico consiste em toda forma de pensamento negativo a uma variação linguística, e é considerado uma discriminação social que consiste em julgar um falante pela forma que de como ele usa a linguística para se comunicar, seja oralmente, ou por escrita. E isso está relacionado a norma culta: quanto mais longe o falante estiver dela, mais criticado e rebaixado ele será.

O preconceito linguístico é social porque a educação vem desde a infância então quando a criança não frequenta a escola ela passa a se distanciar dessa norma culta e passara a sofrer por esse preconceito no futuro pelos cidadãos que vivem na



sociedade deste país.

### **O Preconceito Linguístico no Brasil**

Como todos já sabemos o Brasil é um país rico em diversas culturas e as variedades linguísticas são uma prova disso e para cada sotaque, o modo de falar de cada região, existem as variações socioculturais e situacionais. Devemos aceitar que haja diferenças na linguística. O que não se pode deixar ocorrer é que uma dessas variações seja a certa e as outras erradas inferior às “corretas” porque isso está errado, como a linguagem culta é ensinada ser a mais correta desde a infância nas escolas podemos imaginar como isso vai muito além da língua.

Em 1999 quando Marcos Bagno lançou sua obra: “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” o autor diz a respeito como seja normal que isso seja disseminado em relação aos diferentes sotaques, regionalismo e as diferenças socioculturais. Ainda na obra de Marcos Bagno ele relata que, no Brasil a discriminação social (preconceito linguístico) ocorre com maior escala em relação aos “negros, nordestinos, pobres, analfabetos etc.” devido a esse fator que ele resolveu na capa de sua obra usar fotos dos seus sogros, na qual representa essa população como forma de homenagear eles para que acabe essa discriminação e acabar com todo tipo de preconceito.

Segundo Bagno (1999):

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive. (Bagno, 1999, pg. 51).

Agir de forma preconceituosa sobre quem não segue as normas culta do português é totalmente errado e deve-se respeitar todas as variedades que existe na linguística pois ela é sinais de um país rico em culturas e quando você age com esse preconceito você também está desvalorizando as culturas existentes no nosso país.

4

Desde os antigos tempos o Brasil tem sido colonizado por diversos países estrangeiros então quando falamos na variação linguística devemos pensar nesse fator também já que a variação surge a partir do momento em que culturas novas aparecem com diferentes modos e hábitos de viver e modo de comunicações diferentes e esses países passam para o país colonizado a sua cultura e os seus diferentes hábitos de ver com intuito de ensinar esses países utilizando a bíblia como argumento para defender seus reais interesses de colonizar esse país deixando completamente implícito suas intenções, e como sabemos o Brasil é um país que diversos países já colonizaram então é normal que nosso país seja rico em variedades na linguística já que carregamos com a gente diferentes estilos de vida. Ainda na obra de Bagno ele fala mais afundo e a respeito desse preconceito ele explica que:

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado", sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 1999, p. 13)

Ele quis dizer com isso que o maior vilão que aumenta ainda mais essa ideia é os programas de televisão, jornal de revista, em rádios, essas pessoas acham que estão corretas mais acabam alimentando ainda mais essa ideia de que só existe uma forma correta de se falar a linguagem.

### **As dificuldades e possíveis soluções**

O preconceito linguístico causa muito impacto na vida de quem é excluído por não falar essa norma culta que é prestigiada a mais "correta" esta discriminação pode gerar prejuízos gravíssimos a autoestima desse grupo excluído, já que a pessoa passa a ter insegurança por achar que está errada e começa a ter depressão e diversos problemas à saúde psicológica levando ela até a cometer suicídio, essa pessoa tem dificuldades em arrumar um emprego especialmente se requerer uma postura formal



e modo de comunicação formal, o grupo excluído desenvolve timidez com medo de ser rejeitado pelo modo de falar, algumas soluções para acabar com este mal que está enraizado na linguística desde vários séculos é tentar abordar mais esses temas nas escolas já que o aprendizado vem de a infância então entender-se desde cedo o mal que essa discriminação faz é o melhor a se fazer, os professores deveram ter o dever de aprofundar mais os estudos a respeito da linguagem e incentivar os educadores que são os adolescentes a não contribuírem ao preconceito linguístico, apresentar obras que mostrem essa diferença de regiões e uma ideia legal para os professores seria criar debates com esses temas para que os alunos desenvolvam o conhecimento e comecem a ter um pouco de consciência do que isso pode impactar na sociedade.

## Considerações Finais

A variação linguística se revelou de grande importância pois ela significa um país rico em variedades na linguística e isso é positivo, porém quando o preconceito linguístico surge ele vem com uma consequência muito negativa para a linguística que é a discriminação social que consiste em julgar uma pessoa pelo modo que ela tem de falar achando que está “incorreto” e que só existe um jeito “correto” de se pronunciar a linguagem e isso não é verdade pois a linguagem ela tem essa capacidade de ser maleável e alterada portanto quando isso acontece devemos ensinar que não existe só um modo correto de falar e sim aceitar que todas elas são corretas e não julgar ou excluir os grupos que não falam essa norma culta já que tudo isso gera danos prejudiciais à saúde de quem é excluído levando essa pessoa a passar a acreditar que está errada levando ela a ter dificuldades em arrumar emprego, problemas em socializar em público com medo de ser julgada então se conclui que o preconceito linguístico é algo social que está relacionado a educação que vem desde criança então uma forma de acabar com esse preconceito seria os professores passarem mais sobre esse tema e fazer debates nas escolas com forma de fazer os educadores ter um senso de com esse preconceito pode ser gravíssimo para o outro, criando assim uma empatia e se colocando no lugar do outro assim resolvendo esse problema de uma vez por todas.

## Referências

NORMA CULTA. Site com pesquisas relacionadas a variação linguística relatando como essa variação é sinal de um país rico em variedades linguística. Disponível em: <<https://www.normaculta.com.br/variacoes-linguisticas/>>. Acesso em: 2 de junho de 2022

MARCOS, Bagno. Livro sobre o preconceito linguístico: o que é, como se faz Disponível em: <[https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito\\_linguistico\\_marcos\\_bagno.pdf](https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf)>. Acesso em 2 de junho de 2022

STOODI. Site sobre o preconceito linguístico: o que é, exemplos, resumo e redação. Disponível em: <[https://www.stoodi.com.br/blog/portugues/preconceito-linguistico-o-que/#:~:text=Preconceito%20lingu%C3%ADstico%20%C3%A9%20uma%20forma,e%20rebaixado\)%20%C3%A9%20o%20falante.](https://www.stoodi.com.br/blog/portugues/preconceito-linguistico-o-que/#:~:text=Preconceito%20lingu%C3%ADstico%20%C3%A9%20uma%20forma,e%20rebaixado)%20%C3%A9%20o%20falante.)> Acesso em 2 de junho de 2022

URI EAD. Site com pesquisas e notícias relatando sobre o preconceito linguístico e revelando como ele é causado e implantando ideias de como acabar com esse problema. Disponível em: <<https://ead.uri.br/blog/preconceito-linguistico>>. Acesso em 2 de junho de 2022

ESCOLA DA INTELIGÊNCIA. Site com pesquisas e notícias revelando ideias de como se pôr um fim nesse problema e tentar acabar de vez com o preconceito linguístico. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/blog/preconceito-linguistico/>>. Acesso em 2 de junho de 2022